



DOSSIÊ  
**BIOÉTICAS LATINO-AMERICANAS:**

# **RAÇA, GÊNERO E DECOLONIALIDADE**

**REVISTA NÓS**  
CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 09, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel.

...aís bolacha. Voltei catando tudo  
eu não quiz catar papel. Quando  
u-me que a baiana havia lhe chin  
gar com uma criança de 5 anos!  
ngando a Vera confirmou. Assim  
a insultar-me. Mostrou uma peixeira  
e pretende lhe picar.  
Fui no senhor Manoel vender uns ferr  
veí pouco material e achei que era muito  
shor Manoel se não errou no troco.  
... Fui na feira, comprei 1 quilo de feijão e 1  
ando um português jogou uns pés de alface no chão  
ei, o português gritou:  
— Chegou a freguesia do Bastião!

... Hoje eu não lavo as roupas porque o senhor  
comprar sabão. Vou ler...

A Leila pegou machado... mundo d  
vone Horacio, que deu-me a... tadas  
O processo foi cancelado p... não

ivone pediu a bacia, a Leila n... não  
iquei horrorizada e com dó.  
... Dois nortistas brigaram. So...  
nuistém, o valentão, apanhou... campo

...ela. Todos ge...  
am 2 cace...  
e comprar

... estava to... fome devido ter levanta-  
... café... Fui lavar as roupas na la-  
... anual de Saude que publicou  
... há 160 casos positivos de  
... remédio para os favelados. A mu-  
... me com as demonstrações da doença caramu-  
... é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o  
... não in... comprar os remédios.  
... Manoel vender os ferros. E eu fui

... ar. Peguei a... saí. Levei os meninos. Fui  
... na Rua Carlos de Campos. E pedi para ela  
... deu-me arroz e macarrão. E eu fiquei con-  
... Ele deu-me umas garrafas para eu ven-

... umas coisas para os meninos comer.  
... Fui no senhor Manoel vender as  
... dei 10 de pão e um cafezinho.  
... lavar roupas. 3 semanas  
... visinhas ficaram horri-  
... lavei. A Dona Geralda  
... procurar a Fernanda di-  
... roupas. E foi vasculhar a  
... acompanhou até a sua  
... pediu desculpas a Fer-  
... Quando recebeu a garra-  
... tinha contemplando a garrafa.

... Quando a Dona Geralda.  
— Que mulher boa!  
O rancor da Fernanda desanarcou por...

## O RITMO DO TEMPO

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14173920>

Envio: 01/11/2023 - Aceite: 25/11/2023

O ritmo do tempo...

### Felipe Medeiros Pereira



Doutor em Bioética pela Universidade de Brasília e Mestre em Políticas Públicas em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz com pesquisa referente às contribuições das parteiras para se pensar as políticas de parto e nascimento e as condições éticas de nascer. Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília.

A noite caía na cidade, movimentada pelo fluxo de gente voltando para casa após o expediente. A roda estava marcada para o início da noite, que se aproximava apressadamente. O encontro aconteceria no beco do Mercado Sul, ocupação cultural que reivindica o direito à cidade no coração de Taguatinga. Juliana é parteira e uma das mediadoras da roda, espaço destinado às trocas relacionadas a assuntos da gestação, que aconteciam semanalmente naquela época. Quando chegou lá, algumas pessoas ainda trabalhavam no local, finalizando o dia. Durante a tarde tinha acontecido uma oficina de teatro mamulengo, em que cada uma das presentes confeccionara um fantoche para si. Juntou-se ao movimento de organização do espaço, já preparando-o para receber a roda. Com tudo pronto, aguardou. As mulheres foram chegando aos poucos e se acomodando nas cadeiras dispostas em círculo. Umas bem barrigudas, outras nem mesmo saberíamos dizer se estavam grávidas. Juliana colheu um ramo de barbatimão do jardim e retornou para dar início aos trabalhos.

- Boa noite a todas e todos, eu me chamo Juliana e sou filha da dona Cecília e do seu Vicente, venho do Ceará. Sou parteira e já tem alguns anos que eu tô nesse caminho, que começou acompanhando rodas como essa lá no Recife. Sou nordestina de nascença, mas resolvi tentar a vida aqui no planalto central. Hoje eu tô bem animada apesar do corpo cansado, vai ser bom que a roda nutre muito a gente. O objetivo então é cada uma trazer algum assunto, tema ou dúvida a respeito desse universo da gestação, parto e criação de filhos, e aí a gente vai conversar sobre o que surgir. Esse aqui é o nosso bastão da fala, que vai passando pra quem quiser falar. É um barbatimão, planta muito usada pelas parteiras principalmente no puerpério, porque tem um poder de cicatrização muito grande.

Dito isso, franqueou o bastão da fala que seguiu à sua esquerda, parando nas mãos de uma mulher com a gestação avançada.

- Boa noite, gente, meu nome é Fernanda e eu já tô de 37 semanas, quase na hora, né? Então, a minha maior preocupação nesse momento é a amamentação. Como é a minha primeira gestação, eu não sei como vai ser, tenho medo de não dar certo, de doer, dele me morder... não sei, dizem que o leite materno é tão importante, né? Queria saber mais sobre isso.

Quando terminou de falar, passou o ramo à mulher ao seu lado. Essa, por sua vez, não aparentava barriga. Tinha a fala tímida, e soltou as palavras meio atropeladas.

- Oi, gente, eu sou a Raissa. Fiquei grávida tem pouco tempo, então é tudo muito novo pra mim. Não sei nem o que perguntar, acho que vou só ouvir mesmo.

Esticou a mão para o rapaz ao seu lado que, mais tímido que ela, simplesmente repassou a planta à mulher que o acompanhava, sem sinais aparentes de gravidez. Ela tinha a presença firme, apanhou o ramo e perguntou com franqueza.

- Eu queria saber mais sobre o aborto.

Rapidamente, repassou o barbatimão a Juliana, que seguiu na condução da roda.

- Bom, surgiram alguns temas, então eu vou abordar na ordem que vieram. Primeiro sobre amamentação, então. Eu ainda não tenho filhos, então nunca amamentei. O que posso dizer vem de dois lugares. A sabedoria das parteiras com quem aprendi nas rodas e também com os meus estudos de Ecologia de Sistemas Humanos, que é uma vertente dissidente da psicanálise, desenvolvida por um cara chamado Wilhelm Reich. O que essas perspectivas têm pra nos ensinar é que amamentação é uma questão de presença. Quando o bebê tá mamando, ele não tá absorvendo apenas os nutrientes do leite que vão alimentar o seu corpo. Ele também tá se nutrindo de afeto, carinho, cuidado, atenção. Então quando o bebê morde o peito da mãe, muitas vezes o que ele quer é chamar a atenção. Como que tá essa amamentação? Tá dando o peito, mas tá ligada no celular, vendo TV? Apaga a luz, deixa o bebê em contato direto com a pele, olha nos olhos dele. Amamentação é entrega, presença. Mas também não precisa ficar na nóia de que a mulher é obrigada a amamentar. O leite materno é melhor que a fórmula? É verdade. Mas às vezes é melhor uma mamadeira dada com presença do que um peito dado com desgosto.

Um silêncio percorreu o grupo enquanto as palavras se assentavam. Fernanda, que tinha feito a pergunta, agradeceu a Juliana pelas palavras. Vendo que ninguém mais desejava se colocar naquele momento, a parteira prosseguiu.

- Então, surgiu também o tema do aborto, né? Vou partilhar um pouco da minha experiência, que é como eu posso contribuir. Eu já passei por dois abortos, os dois com o mesmo cara. Eu era bem nova, tava na faculdade ainda. A primeira vez eu morava na casa da minha mãe, em Fortaleza, e viajei a Recife pra ficar na casa dele. Eu disse à minha mãe que ia passar o final de semana na casa de uma amiga, imagina. Daí rolou o final de semana, foi ótimo. Durante o sexo foi curioso que eu percebi que eu fiquei grávida na hora. Quando ele gozou eu senti alguma coisa diferente, que depois eu fui entender. Daí eu voltei pra casa, fiz o exame e não deu outra, grávida. Entrei em contato com o cara e contei o que tava rolando, mas ele não quis botar pra frente. Sozinha eu também não quis, então a gente se organizou. Encontramos uma clínica particular e ele bancou tudo. Lá foi pelo método da aspiração a vácuo, então em dois

dias eu tava zerada. É, porque tem isso, né, no Brasil o aborto é mais perigoso e difícil pra mulher que não tem condições de procurar uma clínica particular. A segunda vez foi mais ou menos a mesma história, só que eu morava com ele lá no Recife. Eu fazia faculdade de Fisioterapia, então eu tinha amigos psicólogos do movimento estudantil que me deram um suporte emocional que foi massa. Mas ainda assim ficam as sequelas emocionais, né? Durante um tempo o sexo não era um lugar seguro pra mim, não conseguia relaxar, não era bom. Eu não conseguia falar sobre esse assunto, escondi durante muitos anos da minha mãe. Hoje se tornou uma história, um aprendizado. É algo que a gente precisa falar sobre, chega dessa hipocrisia de transformar tudo em tabu.

Com essa fala surgiram burburinhos pela roda, as pessoas ficaram tocadas. A mulher que tinha feito a pergunta, que não se identificara, lançou um olhar de agradecimento à parteira e em algum momento deixou a roda, discretamente. Algumas outras mulheres tinham chegado nesse meio tempo, acomodando-se como puderam. A roda seguiu nesse movimento até que todas as dúvidas fossem sanadas. Juliana arrematou as temáticas e fechou o trabalho. Sentia o corpo cansado, mas ao mesmo tempo nutrido pela roda. Enquanto organizava o ambiente, a cabeça não parava. Descobrira, há pouco, que também estava grávida.

A história dessa vez era diferente, estava em outro momento da vida. Não conhecia Ernesto há muito tempo, o pai da criança. Se envolveram fazia uns dois meses, logo quando se conheceram e se conectaram muito, intelectualmente. Podiam conversar por horas, sobre vários assuntos. Apesar das suas investidas, sentia que o cara estava se esquivando. Quando resolveu que não valia mais a pena insistir, ele tomou uma atitude para firmarem o relacionamento e estavam enamorados desde então. Terminados os trabalhos no beco, partiu ao seu encontro. Ele morava perto dali, e precisava dar-lhe a notícia.

- Oi, meu amor, como foi a roda? – perguntou Ernesto, animado.

- Oie, foi boa, muita gente chegou dessa vez.

- É mesmo? Que bom que tá firme o movimento. Entra, entra. Você quer tomar alguma coisa?

- Acho que uma água mesmo tá bom.

- Não quer um vinho? Você vai dormir por aqui hoje?

- Então, na verdade eu preciso te contar uma coisa.

- O que foi?

- Eu fiz um exame daqueles de farmácia hoje cedo e descobri que tô grávida.

Ernesto arregalou os olhos e assim ficou, parado, fitando Juliana.

- Tá tudo bem? Como você tá se sentindo? – Perguntou a parteira.

- Quer dizer então que vou ser papai?

- É isso que você quer?

- Não sei, não tinha pensado muito sobre isso. Pelo menos não pra agora, por quê?

- Porque eu preciso saber se você tá junto comigo nessa.

- É claro que eu estou! E você, como tá se sentindo?

- Ah, é uma mistura de emoções, né? Ao mesmo tempo feliz, mas com um certo medo. É muita coisa criar uma criança. Mas com você comigo, eu encaro.

- Então vamos, juntos! Já temos que começar a pensar em tudo. Acho que tenho que me mudar, esse lugar é muito pequeno. Você vai querer morar comigo? Ainda temos que pensar na criança, tem que ter um quarto pra ela. E o pré-natal, já sabe onde vai fazer? Você tem plano de saúde? E se a gente...

- Calma, respira aí. Cada coisa a seu tempo. Que tal agora a gente só celebrar?

E assim fizeram. Celebraram a chegada de uma nova vida. Ernesto não se aguentou e voltou aos assuntos dos planos, parecia que queria resolver tudo naquela mesma noite. Juliana só relaxou e o deixou elaborar o que quer que desejasse. Passaram a noite juntos, muito conectados, decididos a enfrentar o que quer que viesse.

\*\*\*\*\*

O tempo da gestação transcorria e Juliana foi acompanhada por uma parteira que escolheu com Ernesto. Ela se chamava Rosa. A mulher era conhecida e amiga do casal, o que facilitou a conexão. Juliana a conhecera em um encontro de parteiras realizado na Bahia, a terra onde Rosa mora. O pré-natal, portanto, teve que se dar a distância, com conversas ao telefone e receitas de banhos e chás indicados para as devidas questões. A filha de Rosa, Maíra, também é amiga do casal e reside nas proximidades de Taguatinga, sendo então um importante apoio a Juliana durante o processo. Contariam também com sua presença no parto. Como a família de Juliana é do Ceará, sua rede de apoio era composta principalmente por amigas.

Paralelamente a isso, o pré-natal do posto de saúde seguia com o acompanhamento médico. Nesse ínterim, a gestante descobriu um mioma uterino. Um tumor benigno formado por tecido muscular. A questão levantou dúvidas se poderia trazer riscos ao parto domiciliar. Embora não fosse maligno, tinha um tamanho considerável e poderia atrapalhar a passagem do bebê.

- Então, se tem esse tumor, será que não era melhor a gente se programar pro parto acontecer no hospital? – ponderou Ernesto.

- Mas a gente ainda nem sabe se pode ou não atrapalhar, pra que eu vou pro hospital logo? Não tá nem perto do parto ainda, vamos aguardar. – disse Juliana em tom conciliador.

- Tem que fazer os exames pra acompanhar o andamento, então. Já fez essa semana?

- Não é necessário ficar fazendo toda semana, isso só gera estresse. Quando tiver mais perto de parir eu faço de novo. Porque você não pede a opinião da Rosa nesse assunto? Quem sabe ela te acalma.

- Eu tô calmo, só tô preocupado contigo e com nosso bebê. Que, aliás, ainda não decidimos a questão da alimentação. Você tá com essa ideia de privar a criança de comer carne, acho que isso pode gerar uma deficiência de proteína.

- Não quero privar ninguém de nada, só não quero forçar algo que é claramente uma imposição cultural. O consumo de carne em excesso também pode trazer vários problemas. Inclusive, existem várias fontes de proteína vegetal mais saudáveis.

- Imposição cultural? O consumo de carne faz parte da história da raça humana, não é uma coisa que a gente resolveu fazer de ontem pra hoje.

- Amor, eu tô cansada. Amanhã tem o encontro das comadres e eu quero estar bem pra isso. Será que a gente não pode só ficar de boas por um tempo?

- Pode, claro, me desculpa. É que eu fico preocupado com tudo isso.

- É muita coisa, né? Mas vamos respirar que tudo vai dar certo. Anima ver um filminho agora pra relaxar?

- Bora!

Deitaram-se no sofá, se abraçaram e logo adormeceram. Não passou muito tempo até que Ernesto desligasse a TV e encaminhasse o descanso para o quarto. Dormiram até que a alvorada anunciasse a chegada de um novo dia. Juliana estava animada, seria o dia que suas amigas viriam para fazer a despedida da barriga. O ritual não tinha um protocolo específico, bastava juntar as comadres para comer, dançar, cantar e celebrar o momento. Levantou-se antes de Ernesto e foi para cozinha preparar o café. Entre os afazeres, já foi dando uma geral na casa. O companheiro logo juntou-se aos preparativos. Com a casa arrumada, era hora deles ficarem prontos para aguardar as visitas, que logo começaram a chegar.

- Oi, amiga! Nossa, que barrigão! Como vocês tão? – cumprimentou Camila.

- Tô bem, amiga, vamos entrando.

- Trouxe uma torta de palmito pra gente, vou deixar ali na cozinha.

- Tu já é de casa, fica à vontade.

Na sequência, um casal com uma criança chegou à porta.

- Oi, Ju, como vai? Fala oi pra tia, Juninho. – apresentou-se Jade.

- Oi, tia! Tem alguma criança aí?

- Ainda não, mas vai chegar, pode ir brincar no quintal se quiser.

- Êba!

- Trouxemos um presente! – falou Davi, sacando uma sacola de fraldas descartáveis.

- Ih, é um chá de fraldas, é? Não sabia. – respondeu Juliana, rindo.

- Vai por mim, amiga, você vai precisar.

- Muito grata!

Juliana tinha dúvidas quanto a isso. Não era lá muito chegada à ideia das fraldas descartáveis. Podia irritar a pele do bebê e também tinha a questão ambiental, pensou. De qualquer forma pode ser útil, em algum momento específico que precise sair de casa, ou então doaria a outra pessoa que fosse fazer uso. Mais pessoas foram chegando e se acomodando para o evento. As crianças corriam e brincavam no quintal. Os adultos se reuniram ao redor da mesa de comes e bebes, na varanda. Trocavam experiências e davam conselhos, especialmente aquelas que já tinham parido. De repente, Jade iniciou um canto que logo se tornou um coro, uma a uma iam se unindo à música.

*Vim aqui para saudar*

*Força Feminina*

*Essa Força delicada*

*Mãe que nos ensina*

*A onça arranhou*

*Perfumou a mata*

*Essa mesma onça*

*Abalou a terra.*

Logo estavam todas de pé, cantando em roda abraçadas. O verso se repete algumas vezes à medida que toca o coração de cada uma, que o puxa mais uma vez. Essa música era especial para Juliana, a aprendera com Rosa, sua parteira. Logo uma de suas amigas trouxe a grávida para o centro da roda, que se fechou ao seu redor. Com todas lhe abraçando, cantaram.

*Ô mamãe,*

*abraça eu mamãe,*

*embla eu mamãe,*

*cuida de mim.*

Até que o coro foi diminuindo e o ritmo dos embalos também. Algumas mulheres choravam, especialmente Juliana, tocadas pelo momento de acolhimento, união e também pelo prazer de estarem vivas, juntas, cantando e apoiando umas às outras. O festejo foi revigorante, era ótimo poder receber as energias das amigas nesse momento. A tarde avançava e, uma a uma, as pessoas foram partindo, deixando o casal a sós.

- Finalmente te tenho só pra mim. – brincou Ernesto.

- Larga de ser bobo, tem todo dia. – riu Juliana, se entregando aos seus braços.

\*\*\*\*\*

A partir da 38ª semana, a parteira já estava na cidade. O parto poderia acontecer a qualquer momento. Juliana estava bem barriguda, com dificuldades para fazer algumas coisas, especialmente dormir. Boa nordestina que é, já tinha trocado a cama pela rede. Sua mãe, dona Cecília, estava prevista para chegar depois da 40ª semana, imaginando que o bebê já teria nascido. Mas as semanas iam passando, e ele não vinha. Ernesto estava ansioso e preocupado. Tinha dúvidas se estava tudo bem com a companheira, se entraria efetivamente em trabalho de parto por conta do mioma, eram muitas questões. Dona Cecília chegou à cidade, mas nada do bebê vir. Com 40 semanas, os movimentos de dilatação ainda eram tímidos. As pessoas ao redor exerciam um campo de ansiedade na espera. A parteira, Rosa, teve um papel fundamental em acalmar os ânimos da família. Sua voz mansa, calma e macia ajudou a tranquilizar as tensões, enquanto o tempo ia passando.

Juliana tinha uma lista interminável de coisas a fazer antes de se tornar mãe. Queria resolver a vida inteira em nove meses. Já estava com 42 semanas e ainda não transferira suas plantas dos vasos para a terra, como desejava. Utilizou desse desejo também como uma forma de escapar da pressão da família, e decidiu trabalhar no jardim nesse dia. Sentia que estava tudo bem aguardar, mas ao mesmo tempo não aguentava mais os comentários dos familiares, ansiosos. Enquanto trabalhava na terra, pôde ter um momento de introspecção e se conectar com o que sentia. Sabia que tudo estava bem e que o parto aconteceria sem grandes intercorrências. Sentiu algo desbloquear nesse dia, como se houvesse permissão para parir.

A mudança, contudo, foi interna. Aos demais, tudo seguia na mesma. Rosa viria para o chá da tarde nesse dia e poderia auxiliar arrefecendo as tensões. Enquanto comiam, a parteira acompanhava os diálogos da família.

- Eu acho que o mioma pode estar atrapalhando a começar o trabalho de parto. 42 semanas não é o limite? Precisamos fazer alguma coisa. – disse Ernesto, preocupado.

- Homem de Deus, relaxa um pouco, o bebê vai vir na hora que estiver pronto. – respondeu Juliana, cansada.

- Vamos combinar uma coisa, então? Amanhã você vai no posto de saúde fazer um ultrassom pra ver se tá tudo bem, assim todos ficam tranquilos. – propôs a parteira, em tom conciliador.

Os dois se entreolharam e assentiram com a proposta de Rosa. Ficou assim combinado, no dia seguinte pela manhã iriam fazer o exame. Terminaram de saborear o chá e se despediram. A casa estava cheia. Além de dona Cecília, a tia de Juliana também estava presente, dona Santana. Todas vieram para ajudar no pós-parto, deixando a puérpera livre de atividades que não fossem os cuidados com o bebê. Com a noite avançando, cada uma foi se recolhendo, até que todas estavam dormindo.

Na manhã seguinte, Juliana acordou com contrações diferentes dos ensaios que vinha sentindo nas últimas duas semanas. Logo viu que o ultrassom que pretendia fazer não ia rolar, o parto se aproximava. Entrou em contato com a equipe, que logo se mobilizou, e assim que chegaram começaram as bruxarias. O fogão aquecia a água para o preparo dos chás, enquanto Juliana permanecia no quarto com sua doula, Thaís. As duas estavam focadas no progresso do trabalho. A doula fazendo massagens e movimentos que auxiliam na abertura do quadril. De quando em quando alguém entrava no quarto para oferecer-lhe chá ou comida. Juliana aceitava tudo sem questionar.

Aos poucos, as contrações se intensificaram. Junto com elas vinha um certo incômodo, uma dor. Quando conseguia se concentrar bastante, ficar bem focada na respiração, aliviava. A presença de Rosa era sutil. Seu tom de voz era baixo e passava uma suavidade que deixava o clima tranquilo. Juliana se sentia bem à vontade, selvagem. Quando as contrações ficaram bem fortes, a gestante disse que queria ir para a água. Maíra e Thaís encheram uma bacia bem grandona com um chá quentinho e chamaram Juliana quando tudo estava pronto.

Assim que Juliana entrou na água, o tempo parou. Conseguiu se concentrar tanto na respiração, que os incômodos e as dores cessaram. Nada mais existia. Apagou tudo e todos ao seu redor. Sentia o seu corpo dilatando, se abrindo para dar passagem ao bebê. Não sabia dizer quanto tempo ficou ali, parada, de olhos fechados, apenas

respirando, no ritmo do tempo. A doula, Thaís, chegou até a pensar por um instante que o trabalho de parto tinha parado. Juliana percebeu que era esse o relaxamento necessário para sentir o prazer que algumas mulheres relatam no parto.

Enquanto isso, no mundo exterior, alguém batia à porta da casa. Dona Santana atendeu para dar de cara com um par de policiais. Devidamente fardados, ostentavam a postura de autoridade característica de sua profissão. A tia, entendendo a confusão e a graça da situação limitou-se a perguntar:

- Pois não, senhores?

- Os vizinhos relatam gritos vindos daqui, viemos verificar o que tá acontecendo.

- Minha sobrinha tá em trabalho de parto, daí os gritos. Algo mais?

- Podemos entrar para verificar?

- É claro que não! A mulher tá parindo, imagina se entram dois desconhecidos durante o parto da sua esposa? Acha que ela ficaria feliz?

- Perdão, senhora, não queríamos incomodar. Se tá tudo bem, nós vamos indo. Tem certeza que não precisa que chame uma ambulância?

- Tá tudo certo, senhor, obrigada pela preocupação.

E assim se despediram. No quintal da casa, Ernesto acendia uma fogueira. Juliana vinha de dentro da casa, acompanhada de Rosa e Thaís. A parteira acendeu um incenso e começaram a cantar. Ficaram ali por alguns momentos, aproveitando o poder do fogo. Até que as contrações foram ficando cada vez mais fortes, e decidiram entrar. Ernesto se posicionou atrás de Juliana, que se acorou apoiada nele. Rosa estava à sua frente, fazendo compressas com chá na vulva, para aliviar o ardor, o inchaço, trazer irrigação aos vasos sanguíneos e evitar a laceração.

As contrações eram avassaladoras e Juliana começou a empurrar. Sentia que não tinha escolha, tinha que se entregar para a força e os movimentos das contrações,

mas não conseguia acessar o mesmo nível de introspecção e concentração que houvera na banheira. Anunciou-se então o círculo de fogo. A cabeça do bebê estava bem posicionada na saída da vagina, coroando. A sensação que tinha é de que ia partir no meio e deixar de existir. Transcendeu todas as noções conhecidas de medo e dor naquele momento. Não tinha qualquer sentimento de controle sobre a situação, só precisava se entregar. Mas era difícil, doía. Queria acabar com aquele incômodo, aquela dor. Até que a cabeça saiu.

- Tá aqui! – Disse a parteira, entusiasmada.

O círculo de fogo passou. O que veio depois foi mais tranquilo diante do clímax dos momentos anteriores. Mais algumas contrações e o corpinho do bebê foi saindo, aos poucos. A tia de Juliana cantava.

*Senhora Santana ao redor do mundo*

*Aonde ela passava, deixava uma fonte*

*Quando os anjos passam, bebem água dela*

*Oh que água tão doce, oh senhora tão bela*

*Encontrei Maria na beira do ri*

*Lavando os paninhos do seu bento fi*

*Maria lavava, José estendia*

*O menino chorava do fri que sentia*

*Os filhos dos homens em berço dourado*

*E tu, meu menino, em palhas deitado*

*Calai meu menino, calai meu amor*

*Que a faca que corta não dá tai sem dor*

Embalado pela música, o bebê nasceu. A parteira anunciou sua chegada a todas. Gentilmente posicionou-o no colo da mãe, que respirava aliviada. Sentia que seu dever estava cumprido. Quando o tomou nos braços, tinha a sensação de que

poderia acontecer qualquer coisa, que o mundo poderia desabar, que conseguiria protegê-lo. Sentiu que estava pronta para doar sua vida a ele. “Vamos nessa, meu filho. Tamo junto!” Pensou. Ernesto começou a chorar e Juliana também. A força do nascimento é de uma beleza ímpar, ainda mais com todas aquelas pessoas ali reunidas, focadas nesse propósito. Logo o bebê pegou o peito e se aninhou no colo da mãe. Aguardaram a saída da placenta e continuaram com os cuidados finais, com uma pequena sutura para fechar a laceração causada pela saída do bebê. Quando terminavam, dona Cecília meteu a cabeça pra dentro do quarto e disse:

- Já acabou? O jantar tá pronto.

- Já estamos indo. – respondeu Juliana, sorrindo.

- E o nome, vocês escolheram? – perguntou Rosa.

- Ainda estamos discutindo. – riu Juliana. – O Ernesto gostaria de homenagear o pai, vamos ver.

Finalizaram os trabalhos e se reuniram ao redor da mesa para jantar. Dona Cecília havia preparado um banquete. Arroz, feijão, farofa, banana à milanesa e salada de manga, pepino, alface e tomates. Ao fim de todo o processo, Juliana surpreendeu-se com a tranquilidade de sua mãe, que teve seus filhos no hospital. Saborearam a comida que lhe lembrava a infância. Tudo estava muito gostoso, mas a banana à milanesa tinha um sabor especial. Em um clima gostoso, onde se festejou o início de um novo ciclo para a família.